



## **EXCURSÃO, AULA DE CAMPO, ESTUDO DO MEIO OU TRABALHO DE CAMPO? O QUE ESTOU FAZENDO QUANDO SAIO DA SALA DE AULA COM MEUS ALUNOS?**

**Joel Maciel Pereira Cordeiro<sup>1</sup>**

### **Introdução**

A importância das atividades de campo no ambiente escolar vem sendo especialmente discutida no Brasil a partir da década de 1960 (LOPES; PONTUSCHKA, 2009). A origem destas atividades nas escolas do país, contudo, provavelmente ocorreu no início do século XX através das escolas anarquistas, que seguiam a pedagogia de Francisco Ferrer (PONTUSCHKA, 2004). Na primeira metade do século XX, os debates acerca do Movimento Escola Nova discutiam um conjunto de ideais e propostas que pretendiam uma renovação dos métodos de ensino, nas quais as atividades de campo teriam um papel significativo no processo de ensino/aprendizagem (PEREIRA; PEZZATO, 2021). O ideário da Escola Nova, apesar de não ter se concretizado de forma ampla na rede pública do Brasil, permitiu o desenvolvimento de novas metodologias de ensino em algumas escolas do país, nas quais as atividades de campo eram usadas como ferramentas para o desenvolvimento reflexivo do aluno sobre a realidade observada (PONTUSCHKA, 2004).

No contexto atual, existe um consenso que as atividades de campo se configuram em uma das metodologias mais significativas para tornar o ensino/aprendizagem proveitoso, dinâmico e significativo (SENICIATO; CAVASSAN, 2004; OLIVEIRA; ASSIS, 2009; ALBUQUERQUE et al., 2012). Trabalhar o conhecimento fora das quatro paredes da sala de aula, por si próprio, já contribui para a motivação e interesse do aluno, especialmente por levar o mesmo a entender que a aprendizagem pode ser desenvolvida em um espaço além dos muros da escola (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011). Além disso, as atividades de campo contrapõem as metodologias tradicionais de ensino por instigar o aluno ao diálogo e permitir o desenvolvimento de discussões e debates sobre diferentes percepções do espaço e das paisagens observadas (ALBUQUERQUE et al., 2012). A interação entre professor/aluno também é ampliada com estas atividades, o que permite, ainda, o desenvolvimento de emoções e sensações que não seriam encontrados em uma atividade desenvolvida em sala de aula (SENICIATO; CAVASSAN, 2004).

Apesar de ser uma metodologia frequentemente direcionada às áreas de ciências humanas e naturais, diferentes trabalhos têm destacado o uso das atividades de campo em outras disciplinas, como matemática (DICK et al., 2020) e língua portuguesa (PEZZATO,

<sup>1</sup> Mestre e Doutor pelo Departamento de Geociências, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - joelmpcordeiro@gmail.com



2012). Em todas as áreas, as atividades de campo envolvem três diferentes momentos, os quais incluem o planejamento (pré-campo), a saída (campo) e a sistematização do saber (pós-campo) (ALBUQUERQUE et al., 2012; JESUS; SANTO, 2019). Entretanto, é preciso atentar-se para os procedimentos metodológicos e objetivos a serem alcançados, sob o risco destas atividades sofrerem ruptura do processo de ensino-aprendizagem e serem percebidas apenas como “passeio fora da escola” (LOPES; PONTUSCHKA, 2009).

As atividades de campo recebem diferentes terminologias, tais como aula de campo, saída de campo, estudo do meio, trabalho ou pesquisa de campo, excursões, aula-passeio, turismo pedagógico, entre outras. Apesar de girarem em torno da mesma concepção de atividade fora da sala de aula, elas podem se configurar em abordagens metodológicas distintas, dependendo dos objetivos a serem alcançados e dos procedimentos adotados. Desta forma, o presente trabalho objetiva realizar uma discussão acerca dos procedimentos metodológicos envolvidos nos diferentes tipos de atividades de campo. Para tanto, foram realizadas revisões teóricas e conceituais, além de análises de pesquisas envolvendo relatos de experiências com uso destas atividades.

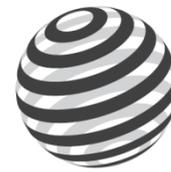
Neste trabalho, as terminologias foram agrupadas conforme suas semelhanças metodológicas, o que não indica que elas sejam sinônimas, mas que compartilham formas similares em sua execução na prática. As mesmas estão ordenadas das mais básicas às mais complexas, segundo os procedimentos adotados e os objetivos a serem alcançados.

## **Viagens e excursões**

As viagens e excursões constituem em visitas a determinados locais (geralmente pontos turísticos), onde os professores (ou mesmo guias turísticos) discursam diante dos estudantes sobre os elementos observados (POLESSO; BOER, 2000; ABRIL-SELLARÉ et al., 2019; DANTAS; CORDEIRO, 2020). Do ponto de vista metodológico, estas atividades não necessariamente implicam em relacionar teoria e prática sobre determinados conteúdos ou mesmo procura desenvolver pesquisas em campo junto aos alunos, embora ocasionalmente possa ser aproveitada para tais finalidades. Proporciona, sobretudo, lazer e interação entre professores e alunos, além de ser uma atividade dinâmica e descontraída. As excursões são importantes para romper com a monotonia das atividades desenvolvidas na escola, desenvolver a motivação do aluno e combater a evasão escolar.

Esta provavelmente constitui na atividade de campo mais frequente realizada nas escolas, nas quais em datas comemorativas (Dia do Estudante, Dia das Crianças, Semana da Pátria, entre outras) realizam-se excursões para locais diversos, especialmente praias, parques, museus, centros históricos, jardins botânicos e áreas naturais. Do ponto de vista logístico, estas atividades geralmente requerem mais recursos, pois são frequentemente desenvolvidas em áreas distantes da escola. O pré-campo envolve o planejamento e elaboração de roteiro. O campo é realizado através de visitação a pontos turísticos específicos ou áreas a qual se permita o desenvolvimento de atividades lúdico-recreativas. O pós-campo é opcional, mas relatórios, produções textuais, discussões e debates e outras atividades podem ser solicitadas.

Alguns autores, como Lopes e Pontuschka (2009), reconhecem que as viagens e excursões possuem um valor pedagógico e lúdico, contudo, podem limitar o aprofundamento teórico ou mesmo perder parte de seu valor formativo e educativo. Da mesma forma, Lacoste (2006) considera que as excursões de ônibus geram apenas conhecimentos passivos nos alunos, o que limita sua importância na pesquisa ou mesmo no processo de ensino-aprendizagem. Já outros autores, como Alentejano e Rocha-Leão (2006), defendem



que se estas excursões forem previamente preparadas, instigando os alunos a problematizar e refletir acerca do que vão observar, elas podem representar uma importante contribuição para o processo de conhecimento.

Um exemplo de atividade de campo envolvendo viagens e excursões pode ser observada em Dantas e Cordeiro (2020). Os autores descrevem uma excursão realizada no semiárido da Paraíba, onde puderam verificar diferentes elementos naturais e aspectos econômicos e sociais desta região. Através desta excursão, os autores verificaram que a imagem do semiárido propagada nos elementos midiáticos nem sempre condiz com a realidade, pois nesta região existem paisagens naturais que impressionam, além de muitas áreas ricas e desenvolvidas. Assim, as excursões permitiram o entendimento de diferentes realidades que podem ser usadas de forma crítica e reflexiva.

### **Turismo pedagógico e turismo geoeducativo**

Estas atividades de campo são similares as viagens e excursões, pois consistem em visitação a pontos turísticos ou áreas similares realizada pela escola, com finalidade recreativa. Contudo, sua metodologia se configura como estratégia de desenvolvimento curricular (GOMES et al., 2012). Assim, um conteúdo ou mesmo um projeto trabalhado pelo professor deve ser preestabelecido antes destas atividades de campo. Além de serem atividades de campo dinâmicas, descontraídas e permitirem maior interação entre professores e alunos, elas possibilitam que os conteúdos sejam aprofundados, instigando a curiosidade, o conhecimento e a aprendizagem dos alunos.

Do ponto de vista conceitual, o turismo pedagógico concilia o lazer proporcionado pela visitação com o conhecimento estabelecido em sala de aula pelo professor, ou em outras palavras, concilia o turismo a pedagogia (HORA; CAVALCANTI, 2003; SOUZA et al., 2011). O turismo geoeducativo também proporciona a mesma finalidade, contudo são atividades de campo direcionadas especialmente a área de geociências (OLIVEIRA, 2006).

O turismo pedagógico e o turismo geoeducativo também são comumente desenvolvidos nas escolas. Embora possam ser realizadas em áreas da própria cidade ou município, estas atividades frequentemente são desenvolvidas em áreas relativamente distantes da escola (pontos turísticos), o que pode necessitar de mais recursos para a realização das mesmas. O pré-campo envolve o planejamento, elaboração de roteiro e realização de aulas teórico-explicativas. Em campo, realiza-se a visitação a pontos turísticos específicos, no qual elementos trabalhados nas aulas teórico-explicativas podem ser observados. No pós-campo podem ser trabalhados a produção de relatórios, produções textuais, discussões e debates e outras atividades.

Um exemplo prático de desenvolvimento destas atividades pode ser observado em Justo e Oliveira (2021), onde atividades de turismo pedagógico foram desenvolvidas no Eco Resort Scandolo Riguetti (Cambará, PR). Foram trabalhados inicialmente conteúdos de forma teórico-explicativa em sala de aula (transformações da paisagem, biodiversidade, problemática ambiental, entre outros). Na atividade de campo, os alunos visitaram o Eco Resort, realizaram caminhadas em meio a vegetação nativa, plantaram mudas nativas e conheceram o processo de produção de uma horta orgânica. Os autores observaram que além de oportunizar aos estudantes um ambiente novo de aprendizagem, foi possível explicar aos educandos a importância de se cuidar do meio ambiente de maneira sustentável com apresentação de práticas que ajudam na manutenção ambiental local.



## **Aula de campo, saída de campo e aula-passeio**

A aula de campo, saída de campo e aula-passeio são metodologicamente similares por terem como objetivo estabelecer a relação dos conteúdos trabalhados em sala de aula de forma teórica com a observação prática em campo (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011; ALBUQUERQUE et al., 2012; BARROS; VIEIRA, 2019; DICK et al., 2020). Elas diferem das viagens e excursões e do turismo pedagógico ou geoeseducativo por não terem uma finalidade recreativa, nem necessariamente serem realizadas em pontos turísticos. Em vez disso, estas atividades devem ser realizadas em locais favoráveis para a observação prática dos conteúdos trabalhados teoricamente em sala de aula, inclusive em áreas próximas à escola.

Do ponto de vista conceitual, aula de campo e saída de campo apresentam a mesma definição, enquanto atividades que permitem identificar, distinguir e ampliar o conhecimento teórico adquirido em sala de aula através da observação e contato prático com a realidade observada em campo (OLIVEIRA; ASSIS, 2009; DANTAS; CORDEIRO, 2020; DICK et al., 2020). Nestas atividades o pré-campo deve envolver o planejamento, organização de mapas (quando necessário), roteiro a ser seguido e o desenvolvimento de temáticas específicas com uso de aulas teórico-explicativas. No campo, a maior parte dos conteúdos que foram trabalhados teoricamente devem ser apresentados no ambiente visitado, para que os alunos identifiquem, discutam, comparem e reflitam sobre o que é observado. O pós-campo pode ser realizado por meio de exercícios, produção textual, discussões e debates, entre outras atividades (SENICIATO; CAVASSAN, 2004; CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011).

A aula-passeio baseia-se nas propostas metodológicas da Pedagogia de Célestin Freinet, na qual as saídas ao ar livre oportunizam maior contato com o próprio meio, permitindo o desenvolvimento da motivação do aluno, além do conhecimento e aprendizagem práticos (BARROS; VIEIRA, 2019; MAGALHÃES et al., 2023). A aula-passeio é metodologicamente similar as aulas de campo ou saída de campo, embora não seja necessário a realização de aulas teórico-conceituais prévias em sala de aula, pois o conhecimento teórico pode ser trabalhado também em campo, através da leitura e percepção dos elementos observados (LEGRAND, 2010). No campo são trabalhados também os sentimentos, pensamentos, emoções, confidencialidades e conhecimentos prévios dos alunos (LEGRAND, 2010; BARROS; VIEIRA, 2019). O pós-campo também é opcional, mas pode envolver discussões, relatórios, produções textuais, elaboração de cartazes, murais, entre outras atividades (SCHUNK, 2020; MAGALHÃES et al., 2023).

Exemplos práticos de atividades envolvendo aulas de campo podem ser verificados em Seniciato e Cavassan (2004) e Cordeiro e Oliveira (2011), trabalhadas nas áreas de Ciências Naturais e Geografia, respectivamente. A mesma metodologia com a nomenclatura “saída de campo”, por sua vez, pode ser verificada em Dick et al. (2020) na área de Matemática. Atividades práticas envolvendo aulas-passeio são detalhadas em Magalhães et al. (2023) de forma interdisciplinar na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em Schunk (2020) na Educação Infantil e em Barros e Vieira (2019) na área da Pedagogia. Nestes exemplos podemos verificar metodologicamente a relação entre a teoria dos conteúdos trabalhados em sala de aula com a prática nas atividades desenvolvidas em campo.

## **Estudo do meio**

O estudo do meio estabelece uma investigação sistemática dos lugares, conduzida pelo coletivo dos alunos e coordenada pelo professor (OLIVEIRA, 2006; LOPES; PONTUSCHKA, 2009; ALBUQUERQUE et al., 2012). Metodologicamente, esta atividade é similar as aulas de campo por haver a necessidade de uma apresentação teórica



previamente desenvolvida em sala de aula e, durante o campo, este conhecimento teórico deve ser discutido na prática. Contudo, no estudo do meio, o campo tem a finalidade, não apenas de relacionar a teoria com a prática, mas de ampliar o conhecimento adquirido, reunir informações, observar, pensar e refletir sobre a realidade circundante (PONTUSCHKA, 2004; SILVA, 2018).

O objetivo principal do estudo do meio é desenvolver o pensamento crítico e reflexivo a partir da leitura da realidade, detectando os elementos existentes na paisagem observada e estabelecendo relações entre os fatos verificados e o cotidiano do aluno (PONTUSCHKA, 2004; SILVA, 2018). Esta atividade permite tornar mais significativo o processo ensino-aprendizagem e proporciona aos seus atores o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo sobre a aparente naturalidade do viver social (LOPES; PONTUSCHKA, 2009). Assim, estas atividades podem ser desenvolvidas em determinados pontos da cidade, na zona rural ou áreas próximas à escola.

O pré-campo deve envolver o planejamento, organização de mapas (quando necessário), roteiro a ser seguido e a criação de um tema gerador. Este tema gerador deve ser trabalhado por meio de aulas teórico-explicativas, mas também através de outros recursos didáticos, como músicas, vídeos e apresentação de imagens. No campo, além de discutir os conteúdos que foram trabalhados teoricamente, deve haver uma leitura dos elementos observados, desenvolvendo diálogos, reflexões e análises críticas. Anotações em fichas de campo, entrevistas, coleta de materiais e registros fotográficos também podem ser realizados. No pós-campo ocorre a sistematização do conhecimento, na qual pode-se fazer uso de discussões e debates, produção de cartazes, exposições de imagens, mural, produções de gráficos e tabelas, entre outros. O importante é que o material pesquisado seja utilizado para responder as questões iniciais das temáticas abordadas (ALBUQUERQUE et al., 2012; SILVA, 2018).

Exemplo prático de atividade envolvendo estudo do meio pode ser verificado em Silva (2018), desenvolvida em escola pública no Rio de Janeiro. No pré-campo, foi selecionado como tema gerador “A importância do Rio Paraíba do Sul para a comunidade de Gargaú”. Foram trabalhadas temáticas relacionadas a hidrografia, impactos ambientais, uso e conservação dos recursos hídricos. Estas temáticas foram trabalhadas inicialmente por meio de aulas teórico-explicativas, uso de textos, música, slides e diálogo com os alunos. O campo foi realizado próximo à escola, através de visita ao Rio Paraíba do Sul e seus arredores. Foram feitas observação direta, explicações práticas, anotações, registros fotográficos e aplicação de questionários a moradores. No pós-campo foram trabalhados produção de relatórios, criação de gráficos, mural, boletins informativos distribuídos na comunidade e concurso de fotografias.

Na atividade desenvolvida por Silva (2018) podemos perceber, além da relação teoria e prática, a discussão de temas direcionados a realidade do aluno, no qual foi possível o desenvolvimento do processo crítico e reflexivo diante das temáticas abordadas. Assim, o estudo do meio não deve ser entendido apenas como transmissão de conteúdo, mas acima de tudo, um caminho para a construção do conhecimento dos alunos (OLIVEIRA, 2006).

### **Trabalho de campo e pesquisa de campo**

Apesar de muitas vezes ser confundido com aula de campo ou estudo do meio, o trabalho de campo ou pesquisa de campo geralmente envolve os procedimentos e materiais usados para alcançar os objetivos de uma pesquisa (SUERTEGARAY, 2002; TRICART, 2017). Esta atividade visa a obtenção de dados quantitativos e qualitativos em campo, e não



necessariamente busca estabelecer relação entre teoria e prática ou desenvolver uma análise crítica e reflexiva do ambiente observado. O trabalho de campo, direciona-se especialmente para a pesquisa de estudantes de graduação e pós-graduação nas áreas de ciências naturais e ciências humanas (DANTAS; CORDEIRO, 2020), mas também pode ser proveitosamente desenvolvido como metodologia de ensino na educação básica (MARTINEZ; LEME, 2007; BELIZARIO, 2020).

Através do trabalho ou pesquisa de campo os alunos da educação básica aprendem a elaborar e aplicar projetos, desenvolver pesquisas e discutir resultados (BELIZARIO, 2020). Estas atividades despertam no aluno a percepção dos sentidos empíricos, levando justamente a constatação das dinâmicas naturais, econômicas ou sociais que ocorrem no espaço do seu entorno, demonstrando a possibilidade de construir uma análise sobre a realidade em que o mesmo está inserido (MARTINEZ; LEME, 2007). Estas atividades podem ser desenvolvidas em determinados pontos da cidade, áreas rurais, áreas naturais ou lugares próximos à escola, dependendo dos objetivos a serem alcançados. O importante, de forma geral, é que estas atividades sejam um elemento indispensável da percepção objetiva dos dados de base do raciocínio científico (TRICART, 2017).

O pré-campo deve envolver o planejamento, organização de mapas (quando necessário), roteiro a ser seguido, aulas teórico-explicativas sobre as temáticas abordadas, explicação dos objetivos a serem alcançados, além dos materiais e métodos a serem usados na pesquisa. Nesta etapa devem ser elaboradas fichas de campo ou questionários, assim como se faz necessário explicar aos alunos como eles serão preenchidos ou respondidos posteriormente em campo. Na etapa do campo deve haver a análise do ambiente observado, explicações práticas e preenchimento das fichas e questionários. Entrevistas, coleta de materiais e registros fotográficos também devem ser realizados. No pós-campo haverá a compilação dos dados, análise dos materiais amostrados e reunião das informações obtidas em campo. Podem ser desenvolvidos gráficos, tabelas, cartazes, apresentação de seminários, produções textuais, exposições de imagens, mural, entre outras atividades (MARTINEZ; LEME, 2007; OLIVEIRA; ASSIS, 2009; DANTAS; CORDEIRO, 2020).

Exemplo de atividades práticas envolvendo trabalho ou pesquisa de campo na educação básica podem ser observados em Martinez e Leme (2007) e Belizario (2020). Nestas atividades verificamos que o trabalho de campo teve a finalidade de pesquisa, com questionários preenchidos no ambiente visitado, compilação de dados e análise e interpretação dos resultados obtidos em campo no retorno a sala de aula. Assim, os alunos se integraram à pesquisa e se tornaram protagonistas do processo de ensino-aprendizagem, adquirindo novos conhecimentos que foram além da observação e constatação das paisagens.



Atividade de campo	Objetivos	Metodologia	Base teórica
Viagens e excursões	<ul style="list-style-type: none"><li>- Proporcionar lazer e interação entre professores e alunos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Visitação a pontos turísticos específicos ou áreas a qual se permita o desenvolvimento de atividades lúdico-recreativas.</li></ul>	Polesso e Boer (2000), Abril-Sellaré et al. (2019), Dantas e Cordeiro (2020)
Turismo pedagógico e Turismo geoeducativo	<ul style="list-style-type: none"><li>- Proporcionar lazer e interação entre professores e alunos;</li><li>- Aprofundamento de conteúdos teóricos;</li><li>- Conciliar turismo a pedagogia.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Aulas teórico-explicativas;</li><li>- Visitação a pontos turísticos específicos.</li></ul>	Hora e Cavalcanti (2003), Oliveira (2006), Souza et al. (2011), Justo e Oliveira (2021)
Aula de campo, Saída de campo e Aula-passeio	<ul style="list-style-type: none"><li>- Relacionar conhecimento teórico com conhecimento prático;</li><li>- Observar e analisar os fenômenos em campo.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Aulas teórico-explicativas;</li><li>- Visitas em locais favoráveis a observação prática.</li></ul>	Cordeiro e Oliveira (2011), Albuquerque et al. (2012), Barros e Vieira (2019), Dick et al. (2020)
Estudo do meio	<ul style="list-style-type: none"><li>- Relacionar conhecimento teórico com conhecimento prático;</li><li>- Observar e analisar os fenômenos em campo;</li><li>- Desenvolver o pensamento crítico e reflexivo a partir da leitura da realidade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Criação de um tema gerador;</li><li>- Aulas teórico-explicativas;</li><li>- Visitas em locais favoráveis a observação prática;</li><li>- Entrevistas;</li><li>- Discussões e debates.</li></ul>	Oliveira (2006), Lopes e Pontuschka (2009), Albuquerque et al. (2012), Silva (2018)
Trabalho ou pesquisa de campo	<ul style="list-style-type: none"><li>- Relacionar conhecimento teórico com conhecimento prático;</li><li>- Desenvolver pesquisas;</li><li>- Obter dados quantitativos e qualitativos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Aulas teórico-explicativas;</li><li>- Visitas em locais favoráveis a observação prática;</li><li>- Preenchimento de fichas de campo e questionários;</li><li>- Compilação de dados e interpretação dos resultados.</li></ul>	Martinez e Leme (2007), Oliveira e Assis (2009), Tricart (2017), Belizario (2020)

Quadro 1. Diferentes atividades de campo, objetivos e procedimentos metodológicos utilizados.

Fonte: organização do autor, 2024.



## **Qual atividade de campo escolher e qual a melhor forma de trabalhá-las com meus alunos?**

Todas as atividades de campo, desde a mais simples a mais elaborada, constituem em metodologias de ensino importantes para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Através destas atividades é permitido ao aluno adquirir conhecimentos práticos, além da interpretação da realidade observada em diferentes lugares além da sala de aula (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011). Assim, a sensação de aprender torna-se mais prazerosa para o aluno, enquanto o ensinar torna-se também mais agradável para o professor (SENICIATO; CAVASSAN, 2004).

A escolha em trabalhar uma determinada atividade de campo vai depender de uma série de fatores, como objetivos a serem alcançados, a logística e a disponibilidade de materiais e profissionais. Um sumário das metodologias empregadas em cada uma das atividades de campo discutidas aqui é listado na Tabela 1. O professor, inclusive, tem a possibilidade de trabalhar mais de uma atividade de campo em uma mesma ocasião. Por exemplo, Albuquerque et al. (2012) trabalhou aulas de campo e estudo do meio em visita a hidrelétrica de Xingó (Sergipe, Alagoas), Dantas e Cordeiro (2020) aproveitaram excursões no semiárido da Paraíba para realização de aulas de campo, Oliveira (2006) aponta a possibilidade do estudo do meio através do turismo geoeseducativo no Ceará. Assim, as atividades de campo podem ser trabalhadas de forma única ou múltipla.

Albuquerque et al. (2012) aponta que realizar uma atividade de campo significa conquistas, cooperação, interdisciplinaridade e produção de conhecimento. Assim, a busca de colaborações abrangendo diferentes áreas do conhecimento (linguagens, matemática, ciências humanas e naturais) torna-se significativa para promover a compreensão direta da realidade socioambiental observada pelo aluno, assim como torna estas atividades mais proveitosas (OLIVEIRA, 2006; SILVA, 2018; DICK et al., 2020).

Outro fator importante consiste no conhecimento prévio do ambiente a ser visitado em campo, seja ele um ponto turístico distante ou um espaço próximo a escola. Isto se faz necessário para que o professor planeje suas atividades, suas falas, bem como os procedimentos que serão adotados com os alunos em campo. Seniciato e Cavassan (2004) discutem que muitas vezes os professores não exploram adequadamente as oportunidades oferecidas em uma atividade de campo por desconhecimento sobre o local a ser visitado, o que acarreta um despreparo quanto à maneira de lidar com os fenômenos apresentados e as paisagens observadas.

Antes da realização de qualquer atividade de campo, o professor deve atentar ainda para a realidade de sua escola e do alunado envolvido, para que previamente reflita como estas atividades devem ocorrer de forma mais proveitosa e que os objetivos sejam efetivamente alcançados. Mafra e Flores (2017) e Braga et al. (2017), por exemplo, apontam diversos aspectos positivos na realização de atividades de campo, desde a aquisição de novos conhecimentos, o desenvolvimento crítico e uma maior interação entre professores e alunos. Contudo, estes autores apontam diversos desafios que podem comprometer a utilização efetiva destas atividades como metodologia de ensino. Entre elas aparecem o elevado número de alunos por turma, dificuldade de obter transporte gratuito para o deslocamento, indisciplina dos alunos, falta de apoio da administração da escola e dificuldade de formar parceria com professores de outras disciplinas, limitando o trabalho interdisciplinar.

Apesar dos desafios, é importante que as atividades de campo sejam uma metodologia efetiva nas escolas, e que os professores planejem e adequem estas atividades



de acordo com a realidade do ambiente escolar. A busca de novas metodologias de ensino com ênfase no desenvolvimento cognitivo do aluno e o emprego de metodologias inovadoras representam ainda a maneira mais adequada para despertar a motivação e o interesse do aluno ou mesmo superar os desafios e limitações existentes na escola (CORDEIRO; OLIVEIRA, 2011). As atividades de campo, assim, oportunizam experiências de ensino-aprendizagem diferenciadas, com momentos que favorecem a relação entre alunos e professores, conciliando dinamismo, conhecimento, emoções e sensações distintas dos processos tradicionais e monótonos de ensino em quatro paredes na sala de aula.

### **Considerações finais**

As atividades de campo se configuram em uma importante ferramenta metodológica para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem na escola. Tais atividades possibilitam o rompimento das metodologias tradicionais de ensino ao instigar o aluno ao diálogo e favorecer o desenvolvimento de discussões a partir da realidade e diferentes percepções do espaço e das paisagens observadas.

Em suma, as viagens e excursões, o turismo pedagógico e o turismo geoeducativo proporcionam especialmente lazer e interação entre professores e alunos através de visitas a pontos turísticos específicos, nas quais o aprofundamento de conteúdos teóricos pode ser trabalhado. A aula de campo, saída de campo e aula-passeio permitem relacionar o conhecimento teórico com conhecimento prático através da observação e análise dos fenômenos em campo. O estudo do meio possibilita desenvolver o pensamento crítico e reflexivo do aluno a partir da leitura da realidade. O trabalho e pesquisa de campo, por sua vez, possibilita o desenvolvimento de pesquisas e obtenção de dados quantitativos e qualitativos.

De forma geral, todas as atividades de campo são importantes para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Contudo, o professor deve analisar a realidade de sua escola e do alunado envolvido, para que estas atividades ocorram de forma mais proveitosa e que os objetivos sejam efetivamente alcançados. Desta forma, as atividades de campo podem proporcionar momentos ímpares do processo de ensino-aprendizagem, constituindo em um dos momentos mais marcantes da vida dos professores e alunos.

### **Referências Bibliográficas**

ABRIL-SELLARÉS, M.; CRIADO, M. C. A.; SÁNCHEZ-FERNÁNDEZ, M. D. Análisis del viaje como uno de los ejes transformadores del proceso educativo. **Universitas**, v. 30, p. 63-78, 2019.

ALBUQUERQUE, M. A. M.; ANGELO, M. D. L.; DIAS, A. M. L. Propostas de aula de campo e estudo do meio no Complexo Xingó. **Revista Geotemas**, v. 2, n. 1, 2012.

ALENTEJANO, P. R. R.; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 51-67, 2006.

BARROS, F. C. O. M.; VIEIRA, A. M. S. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 4, n. 4, p. 79-91, 2019.



BELIZARIO, W. S. O Trabalho de campo como uma metodologia ativa no ensino de Geografia. **Capim Dourado: Diálogos em Extensão**, v. 3, n. 3, 2020.

BRAGA, K. C.; OLIVEIRA, B. S.; MORAIS, E. G. Desafios e contribuições da aula de campo em escola pública de Altamira-Pará. **GEOSABERES: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 8, n. 14, p. 16-34, 2017.

CORDEIRO, J. M. P.; OLIVEIRA, A. G. A aula de campo em Geografia e suas contribuições para o processo de ensino-aprendizagem na escola. **Geografia (Londrina)**, v. 20, n. 2, p. 99-114, 2011.

DANTAS, T. S.; CORDEIRO, J. M. P. Excursões e aula de campo em Geografia: um olhar diferente sobre o semiárido. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 3, n. 1, p. 18-30, 2020.

DICK, A. P.; SILVA, J. C. R.; HENCKES, S. B. R.; MARCHI, M. I.; STROHSCHOEN, A. A. G. Saídas de campo: uma possibilidade para o ensino de matemática. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. e41911563-e41911563, 2020.

GOMES, D. S.; MOTA, K. M.; PERINOTTO, A. R. C. Turismo pedagógico como ferramenta de educação patrimonial: a visão dos professores de História em um colégio estadual de Parnaíba (Piauí, Brasil). **Revista Turismo e Sociedade**, Curitiba, v.5, n.1, p.82-103, abril 2012.

HORA, A. S. S.; CAVALCANTI, K. B. Turismo pedagógico: conversão e reconversão do olhar. *In*: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Atlas, 2003. p. 207-227.

JESUS, M. C. S.; SANTOS, M. F. A Aula de Campo no Ensino da Geografia: experiências cotidianas na cidade para construção de aprendizagens. **Revista Ensino de Geografia, Pernambuco**, v. 2, n. 1, 2019.

JUSTO, M. G.; OLIVEIRA, J. G. R. O turismo pedagógico como ferramenta para a Educação Ambiental na Geografia escolar: um roteiro para o município de Cambará-PR. **Revista GEOMAE**, v. 12, n. 2, p. 115-138, 2021.

LACOSTE, Y. A pesquisa e o trabalho de campo: um problema político para os pesquisadores, estudantes e cidadãos. **Boletim Paulista de Geografia**, v. 84, p. 77-92, 2006.

LEGRAND, L. **Célestin Freinet**. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 150 p.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009.

MAFRA, M. V. P.; FLORES, D. A. C. Trabalho de campo no ensino da Geografia na educação básica: dificuldades e desafios para professores. **Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, MG**, v. 8, n. 15, p. 6-16, 2017.

MAGALHÃES, F. A. L.; MORAES, J. S. D.; PEIXOTO, W. S.; LIMA, A. N.; COSTA, G. S.; REIS, S. L. T. C. Aula "passeio" interdisciplinar: descobertas além da sala de aula com alunos da EJA na escola municipal "Francisco Nunes", do município de Maracanã-PA. *In*: Seven Publicações Ltda. (org.). **Educação: as principais abordagens dessa área**. vol. 2. Seven Publicações Acadêmicas, 2023. p. 289-297.



MARTINEZ, A.; LEME, R. C. O trabalho de campo como metodologia de ensino de Geografia: o estudo de caso da Vila Malvina – Guaíra/PR. Guaíra, Paraná, 2007, p. 1-27. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_adilson\\_martinez.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_adilson_martinez.pdf). Acesso em 17 maio 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em Geografia. **Boletim Goiano de Geografia**, v. 26, n. 1, p. 32-47, 2006.

OLIVEIRA, C. D. M.; ASSIS, R. J. S. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educação e Pesquisa**, v. 35, n. 1, p. 195-209, 2009.

PEREIRA, D. C.; PEZZATO, J. P. Movimento Escola Nova e Geografia Escolar Moderna: entre a vanguarda e a manutenção dos costumes. In: ALBUQUERQUE, M. A. M.; DIAS, A. M. L.; CARVALHO, L. E. P. (Orgs.). **História da Geografia escolar: fontes, professores, práticas e as instituições**. Vol. 1. Curitiba: Editora CRV, 2021.

PEZZATO, J. P. Identidade e letramento: um estudo do meio em Poços de Caldas-MG. **Comunicações**, v. 19, n. 1, p. 87-100.

POLESSO, L. M.; BOER, N. Excursões como elementos importantes na construção do conceito de meio ambiente e na prática da educação ambiental. **Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais e Humanas**, v. 1, n. 1, p. 105-112, 2000.

PONTUSCHKA, N. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas, SP: Papyrus, 2004, p. 249-288.

SCHUNK, P. B. Aulas-Passeio na educação infantil: explorando o meio e aprendendo na prática. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 1, p. 3462-3471, 2020.

SENICIATO, T.; CAVASSAN, O. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 10, p. 133-147, 2004.

SILVA, D. J. O estudo do meio como uma possibilidade metodológica no ensino de geografia: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 8, n. 16, p. 372-390, 2018.

SOUZA, R. C. A.; MELO, K. M. M.; PERINOTTO, A. R. C. O turismo a serviço da educação: as aulas-passeio promovidas por escola particular em Parnaíba (PI). **Rosa dos Ventos**, v. 3, n. 1, p. 51-61, 2011.

SUERTEGARAY, D. M. A. Pesquisa de campo em geografia. **GEOgraphia**, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2002.

TRICART, J. O campo na dialética da geografia. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, v. 21, n. 1, p. 305-314, 2017.